

IVONE GEBARA

**VULNERABILIDADE
JUSTIÇA
E FEMINISMOS**

ANTOLOGIA DE TEXTOS



NHANDUTI EDITORA

**SÃO BERNARDO DO CAMPO
2010**

Texto original: © Ivone Gebara
Conjunto deste livro: © Nhanduti Editora 2010

Organização: Monika Ottermann
Revisão do português: Yolanda Setuba
Diagramação, capa e arte: Leszek Lech

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Gebara, Ivone
Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos. Antologia de textos /
Ivone Gebara. – São Bernardo do Campo : Nhanduti Editora, 2010, 256p.

ISBN 978-85-60990-10-8

1. Feminismo na América Latina. 2. Teologia feminista. 3. Ética feminista.
4. Transformação sociopolítica.
I. Gebara, Ivone II. Título.

CDD-305.42; 230.82; 201.7

Índices para catálogo sistemático:

- | | | |
|--------------------------------|---|--------|
| 1. Feminismo na América Latina | : Papel e <i>status</i> social da mulher | 305.42 |
| 2. Teologia feminista | : Teologia feminista cristã | 230.82 |
| 3. Transformação sociopolítica | : Posicionamento de religiões diante
de assuntos sociais | 201.7 |

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Direção geral: Leszek Lech Antoni e Monika Ottermann
Coordenação editorial: Leszek Lech Antoni, Monika Ottermann, Lieve Troch

Nhanduti Editora

Rua Planalto 44 - Bairro Rudge Ramos
09640-060 São Bernardo do Campo - SP - Brasil
Tel.: 11-4368.2035 / nhanduti@yahoo.es / www.nhanduti.com

Boas-vindas da Editora

Este é mais um livro lançado pela Nhanduti, uma editora que tem a alegria de ter nascido no Brasil, na América Latina, no Planeta Terra para ser uma enredadeira:

junto com você queremos criar

redes em vez de centros
pontes em vez de muros
diálogos em vez de ataques
partilha em vez de indocinação
intercâmbio em vez de inimizade
relações de parceria em vez de dominação.

Entre – o livro é seu:

use,
recomende e
empreste
– mas não copie, por favor:
as vendas nos ajudam a produzir mais
crie coragem,
procure jeitos e junte gente para partilhar
e amadurecer idéias próprias
comente,
comunique e
discuta conosco qualquer coisa
que lhe chamou atenção.

Nhanduti Editora

O nome da editora é emprestado da palavra guarani *ñandu*, aranha, evocando a idéia da teia de aranha, da “rede” - *ñanduti*.

O termo *ñanduti* indica a renda paraguaia (cf. o lindo exemplo no logotipo) que nos serviu de inspiração para descrever as relações que nossa editora procura promover.

Sumário

Apresentação (Margareth Rago)	9
-------------------------------------	---

2001 - 2003

Teologia da Libertação e Gênero	15
Teologia Feminista e Missão	25
Um novo mundo a partir de novas relações de gênero	37
A religião e a mulher: papel da religião em relação à mulher e da mulher em relação à religião	41
Fundamentalismo e Subjetividade - uma perspectiva filosófica e teológica feminista	63

2004 - 2005

Pluralismo religioso: uma perspectiva feminista	73
Corporeidade e Gênero: uma perspectiva ecofeminista	87
O perdão e a misericórdia na missão de Jesus	105
Desiguais e iguais a quem?	111
Sobre cacimbas e desvios	115

2006 - 2007

Vamos pensar de novo a DEMOCRACIA?	123
Sobre doenças e cura	129
Política feminina, política feminista ou simplesmente política	133
O Limbo e o Prazer	143
Cristianismo rebelde ou a dominação dos modelos masculinos na rebeldia cristã	149
É possível expulsar os vendilhões do Templo da vida?	159
Quando o "outro mundo" não justifica a vida: sabedoria ecofeminista a partir do cotidiano	163
Quando as mulheres atraem violência	171
O povo papal	175
Tecendo sentidos e filosofando	179
Desconstruímos, desconstruímos! Como e por onde começar a construir?	183
A questão do Estado laico	187

2008 - 2010

Repensando o socialismo a partir de novas práticas	195
O conceito de "pessoa humana" revisitado	201
O movimento de Maio de 1968 e a teologia na América Latina	207
Inclusão digital	215
Ideias para repensar o Ecumenismo	219
As duas faces de uma mesma moeda: tolerância e intolerância	223
O que significa crer na ressurreição a partir do cotidiano, do feminismo e da ecologia?	227
Questões abertas em torno da teologia feminista	235
A repressão do pensamento teológico na Igreja: algumas reações proféticas de Dom Helder Câmara	243
A culpa é de Deus ou do Big Bang?	253

Apresentação

Margareth Rago¹

Ivone Gebara me surpreendeu vivamente desde uma reportagem publicada na grande imprensa, nos anos noventa, em que, numa atitude de grande rebeldia, pronunciava-se em relação ao aborto, defendendo o direito das mulheres ao próprio corpo. Algum tempo depois, em outras notícias da mídia, descobri-a dando palestras em instituições norte-americanas e, ao mesmo tempo, vivendo em Camaragibe, nos arredores do Recife, em meio à população carente. Mas creio que o que mais me impressionou na figura dessa paulistana de origem libanesa, filósofa de formação, foi a defesa acirrada dos direitos femininos. Afinal, não é nada frequente encontrarmos freiras de esquerda, ademais feministas e com sólida formação filosófica. Não demorou muito para que eu a procurasse, propondo um trabalho de pesquisa sobre ela mesma e seu pensamento.

A descoberta tem sido progressiva desde então, e o contato com os seus livros (como *Rompendo o Silencio: uma fenomenologia feminista do mal* ou *As Águas do meu Poço* ou *La sed de sentido: búsquedas ecofeministas en prosa poética* ou ainda os recentes *O que é Teologia?*, *O Que é Teologia Feminista?* e *O Que é Cristianismo?*) fascinou-me pela lucidez e ousadia na abordagem de temas cruciais. É destes temas que gostaria de tratar aqui brevemente, reportando-me aos artigos reunidos nesta coletânea, que resultam de conferências realizadas no Brasil e no exterior entre 2001 e 2009.

De modo geral, se Ivone aborda um grande elenco de temas e conceitos, como o cristianismo, a tolerância, a amizade, a felicidade, a teologia, a “pessoa humana”, o Estado laico, o fundamentalismo, as relações sociais e o ecofeminismo, nessa coletânea, alguns se destacam pela importância que assumem em suas preocupações, especialmente marcadas pela

* Margareth Rago - Professora titular do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

crítica feminista, em suas múltiplas dimensões. Pois não se trata apenas da denúncia da violência misógina que leva à exclusão das mulheres, no passado ou no presente, assim como à desqualificação da própria cultura feminina. O feminismo que Ivone defende visa a construção de novos sentidos e olhares para a interpretação do passado, para o resgate da atuação das mulheres em múltiplos espaços e momentos, e também busca abrir novas possibilidades de existência na atualidade, a partir de relações mais solidárias entre as classes, os gêneros e as etnias. É de saídas para o nosso presente que se trata, em todas as suas reflexões.

Rebelde, crítica, transgressora, nos textos de Ivone aqui reunidos evidencia-se a preocupação com as injustiças sociais e culturais, assim como um olhar feminista, substancialmente político, que desvenda os mecanismos sutis a partir dos quais se produzem as exclusões e os silêncios das pessoas que não detêm o poder. Mesmo quando discute a rebeldia como forma de luta contra os sistemas de dominação, como ocorre no artigo “Cristianismo rebelde ou a dominação dos modelos masculinos na rebeldia cristã”, Ivone não deixa de sublinhar o privilégio masculino na leitura histórica. *“Somos socializados/as para reconhecer os valores públicos de justiça e de direito apenas na sua expressão masculina”*, denuncia ela, observando que até mesmo os rebeldes que compõem nosso repertório histórico são homens, de Camilo Torres e Che Guevara a Dom Helder Câmara e Dom Pedro Casaldaliga.

Destaca-se, no rol de suas inquietações, a valorização da experiência cotidiana no presente, diante dos pensamentos e conceitos abstratos que nos distanciam de nós mesmos, que nos alienam e nos enfraquecem. É na força da vida cotidiana, diz ela, nas experiências diárias das pequenas lutas que se encontram as saídas para minar os grandes sistemas de poder. É deste mundo que Ivone se ocupa, dos humanos com suas contradições, dificuldades e necessidades. Em suas palavras: *“Não podemos apenas abrir brechas no sistema patriarcal. É preciso ir mais além e tentar afirmar novas compreensões do ser humano.”*

Com delicadeza e sofisticação, Ivone nos convida progressivamente, em cada um de seus textos, a refletir pausadamente sobre o tema proposto; assim, inicia pondo em dúvida o que parecia tão óbvio, perguntando pelo sentido histórico das palavras, abrindo os conceitos, seja rebeldia ou tolerância, seja o fundamentalismo. Nada está acabado em suas reflexões, nada definitivamente concluído em seus artigos, que constantemente provocam, suscitam a inquietação e convocam-nos à abertura para o outro, para o desconhecido, para as novas possibilidades de criação de sentidos e interpretações, o que vale dizer, de outros mundos.

Tendo em vista desconstruir as verdades assentadas, especialmente aquelas ditadas pela religião e pela fé, Ivone pergunta pelas origens, seja a origem etimológica de uma palavra, seja a origem social de determinada prática. Num segundo momento, leva-nos a perceber a lógica que rege os discursos dominantes, aceitos como verdades intocáveis, mas que, no entanto, mascaram sua dimensão de gênero. É assim que ela questiona, em defesa da teologia feminista, como aparece em “Problemas em torno da teologia feminista”, habilmente os fundamentos filosóficos que sustentam a teologia, que tampouco se assume como masculina.

Contudo, num terceiro momento, em que ela se situa no tempo presente, enfrenta os desafios do momento, apontando para outras possibilidades de existência, para outros caminhos a serem construídos a partir de novos olhares e de outros sentidos. Trata-se, sem dúvida, de um sólido investimento no sentido de desbloquear o pensamento aqui e agora, e de armá-lo com outros conteúdos para enfrentar a “vulnerabilidade da vida” em nossos tempos. Tarefa primordial para essa guerreira que defende a multiplicidade de olhares e respostas, que deseja abrir espaço para que a presença das mulheres e de sua cultura apareça em sua plenitude, trazendo as contribuições de que são capazes.

Nesse sentido, a teologia feminista ganha toda a importância enquanto arma capaz de reconfigurar o mundo, abrindo perspectivas de paisagens mais humanizadas. É esse olhar crítico feminista, portanto, que é capaz de perceber *“a falta de criatividade das celebrações religiosas institucionais e a riqueza das celebrações populares ou de pequenos grupos, especialmente de mulheres, capazes de comunitariamente ressignificar simples acontecimentos ou acontecimentos marcantes.”*

Não há como negar que seu olhar crítico feminista seja capaz de suscitar um novo imaginário político, questão fundamental em nossa atualidade.

2001 - 2003



Teologia da Libertação e Gênero

Teologia Feminista e Missão

Um novo mundo a partir de novas relações de gênero

**A religião e a mulher: papel da religião em relação à
mulher e da mulher em relação à religião**

**Fundamentalismo e Subjetividade
- uma perspectiva filosófica e teológica feminista**

Teologia da Libertação e Gênero

(Outubro de 2001)

Falar da relação entre teologia da libertação e gênero é em primeiro lugar reportar-nos ao passado ou ao menos aos 25 anos passados. Em segundo lugar é tocar uma problemática extremamente atual e que vem sendo trabalhada de diferentes maneiras.

Minha formação filosófica e formação teológica situam-me nos debates sobre o “sentido” da vida humana ou, mais precisamente, sobre o sentido que mulheres e homens dão e recebem no processo cultural de suas vidas. Percebo o quanto a construção de sentidos pode ser fonte de opressão e de libertação ao mesmo tempo. A mesma água que mata a sede pode, em outro momento, destruir a vida. Trabalho, por essa razão, a compreensão que temos de nós mesmas de forma crítica como uma via de acesso à construção de relações que instaurem mais justiça, equidade e felicidade entre nós.

Vou tratar da questão de Gênero de uma maneira limitada. Ela se circunscreve a partir de um tipo próprio de abordagem ligada às minhas buscas e perguntas. No meu livro *El rostro oculto del ma. Una teología desde la experiencia de las mujeres* (Madri: Trotta, 2002) trabalhei a questão de Gênero desde a perspectiva feminista, na tentativa de compreender o mal feminino a partir da identidade social feminina. Através do método fenomenológico que privilegia a narração em primeira pessoa quis mostrar não só a diversidade de males, mas a diversidade de sujeitos históricos femininos que fazem e sofrem aquilo que chamamos mal, maldade ou sofrimento.

Quis igualmente captar as saídas que encontram e algumas expressões de seus gritos por Deus ou por entidades misteriosas que pudessem ajudá-las.

Minha reflexão de hoje será mais abrangente. Refletirei sobre as razões sociais e filosóficas que justificam a necessidade de uma abordagem de gênero em todas as ciências. A reflexão sobre Gênero tem uma história e, portanto, uma trajetória em minha vida. O conceito Gênero tornou-se um instrumento, entre outros, de interpretação das relações humanas a partir da década de 90. Antes, eu trabalhava o feminismo como crítica da sociedade dominada pelo masculino especialmente na teologia cristã. Estavam presentes as análises sobre o patriarcalismo, a oposição entre natureza e cultura, as relações entre idealismo e história, a questão das relações entre a vida de trabalho das mulheres e classe social, a questão das mulheres ligada a questões raciais, ou ainda mulheres e etnias, o público e o privado. O conceito de Gênero acrescentou-se a todas estas aproximações interpretativas das relações humanas que, por sua vez, já haviam se acrescentado a outras. Hoje procuro manter a tensão e a relação entre esses conceitos interpretativos ao tentar não assumir posturas dogmáticas. Quero manter os canais de comunicação entre os diferentes mundos dos quais fazemos parte e as diferentes formas de compreendê-los.

O tema de minha reflexão “Gênero, Ciências Humanas e Religião” é extremamente vasto e complexo. Ele vem desafiando o pensamento humano no século XXI, participando desta flutuação de interpretações que nos caracterizam. Mais ainda, participa das abordagens transdisciplinares que vem caracterizando as ciências sociais e outras desde o final do século passado. Como diz Edgar Morin, estamos vivendo o desafio da “ruptura cultural entre a cultura das humanidades e a cultura científica”.¹ As fronteiras do conhecimento já não podem mais ser claramente delimitadas. Assim sendo, embora minha reflexão esteja mais centrada em questões filosóficas e em questões relativas às ciências da religião, percebo-me navegando por diferentes mares ou percebo que diferentes águas se misturam à minha própria água. A questão de gênero não é, pois, apenas das ciências humanas ou das ciências sociais, mas é uma abordagem que está se impondo em todos os níveis do chamado conhecimento científico. Apesar disso, vale perguntar de novo: Por que fazer análises a partir do Gênero?

Sabemos que ser mulher ou ser homem não é apenas um dado biológico. Simone de Beauvoir lembrava no Segundo Sexo que os amadores ou os homens ordinários sabem bem definir o que é uma mulher: “É um útero, um ovário, uma fêmea”.² A palavra fêmea, diz ela, na boca de um homem,

1 Cf. MORIN, Edgar. *Complexidade e Transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental*. Natal: EDUFRRN, 2000, 43.

2 BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe I: Les faits et les mythes*. Paris: 1949 (reedição 1979; tradução brasileira: *O Segundo Sexo. Vol. I*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980).

soa como um insulto. Dizer fêmea é confinar a mulher a seu sexo biológico. E um homem, o que é? Simone de Beauvoir nos lembra que dizer a um homem “você é um ‘macho’” é uma afirmação de orgulho, de valorização. O homem não é limitado ao seu sexo, mas encerra em si a humanidade, a cultura. Ser homem já é um valor independentemente do seu agir. Pergunto: por que é assim e não de outra maneira? Por que estas diferenças no nível de uma ontologia histórica provocaram tantas opressões e alienações? Esta é a questão-chave de uma abordagem de Gênero.

Provavelmente algumas das pessoas aqui presentes diriam que já não é mais assim ou pensariam que esta maneira mais grosseira de tratar as mulheres e impor a soberania masculina está apenas presente nas camadas populares mais pobres, onde a falta de educação levaria a uma deficiência no trato entre as pessoas. Ou ainda que isto é expressão do atraso cultural de alguns grupos particularmente oriundos de culturas orientais. O feminismo vem mostrando que não é bem assim. A exclusão das mulheres e sua consideração como inferiores aos homens continua presente nos meios científicos e políticos de forma sutil e dominante também no Ocidente, embora de formas diferentes. Basta que nos lembremos da imensa dificuldade que têm as mulheres de afirmar o direito ao seu corpo, à sua individualidade, à maternidade como escolha. Por que nós mulheres não podemos escolher quem somos e o que queremos? Por que sempre temos que conciliar nosso papel de “produtoras” com nosso papel de “reprodutoras” e submeter nossa criatividade às regras estabelecidas? E mais, por que o controle de nossos corpos tem que ser dos outros, do outro?

Quero lembrar igualmente o lugar que as mulheres pobres têm ocupado na sociedade de economia globalizada. A socióloga alemã Christa Wichterich³ mostrou as armadilhas que as empresas multinacionais, com o aval do FMI, têm empregado para explorar a mão de obra feminina. Cria-se a ilusão de que a globalização abriu espaços para as mulheres, mas de fato são espaços de trabalho com baixa remuneração e marcados pela instabilidade, visto que não há leis trabalhistas que presidem os contratos. Continuamos desapropriadas de nosso corpo e de nossa força de trabalho.

Por isso, uma reflexão séria sobre os diferentes níveis da atividade humana a partir do gênero faz-se necessária, na medida em que optamos por avançar na construção de relações mais justas.

É nesse sentido que precisamos começar pelas bases que sustentam a produção da injustiça nas relações humanas, especialmente quando nos referimos às relações entre feminino e masculino. Desde o princípio, o Gênero humano é diversificado. Desde o princípio da História somos mulheres e homens. A androgenia é um mito ou símbolo fusional sem consis

3 WICHTERICH, Christa. *La femme mondialisée*. Arles: Solin e Actes Sud, 1999 (título original alemão: *Die globalisierte Frau*, 1998).

Páginas 18-70 indisponíveis na versão digital

2004 - 2005

Pluralismo religioso: uma perspectiva feminista

Corporeidade e Gênero: uma perspectiva ecofeminista

O perdão e a misericórdia na missão de Jesus

Desiguais e iguais a quem?

Sobre cacimbas e desvios



Pluralismo religioso: uma perspectiva feminista

(Junho de 2004)

Algumas bases para a presente discussão

A discussão sobre o pluralismo político, social, cultural e em particular sobre o pluralismo religioso ocupa não só manchetes de jornais, mas a mente de muitos intelectuais, mulheres e homens, preocupados em compreender e interpretar a complexa história em que vivemos. A palavra “pluralismo” parece explicitar uma consciência crescente de um fenômeno cultural mundial. Trata-se da consciência crescente de nossa diferença e das consequências dessa consciência nos múltiplos processos de convivência humana. Entretanto, sabemos que não descobrimos agora que somos plurais, porque já sabíamos disso desde sempre. Descobrimos apenas que precisamos levar este pluralismo a sério e encontrar caminhos para conviver a partir dele e com ele no presente. E isto porque estamos vivendo uma imensa crise de convivência na realidade plural que nos caracteriza. Estamos nos destruindo e nos excluindo de forma assustadora.

No passado, o pluralismo era governado pela lei do mais forte. Bastava que o mais forte impusesse sua maneira de pensar e agir para que se criasse uma aparente aceitação de todos. O mais forte, a partir de diferentes referências, fazia a lei e regulamentava as diferenças. Estas se ajustavam à lei e desapareciam ou se constituíam em exceções. Por isso se pode dizer que o pluralismo era controlado pelos que se apresentavam com o poder de fazer a unidade ou a coesão do grupo em nome de sua força ou em nome de Deus ou em nome de uma ideologia. A História deveria se orientar por suas concepções e valores que, segundo essa visão, eram sempre consideradas as melhores e portadoras da única verdade. Hoje, os “diferentes” se

rebelaram contra a lei única que os unificava, contra os padrões únicos de comportamento normal, contra as crenças de diferentes tipos consideradas as mais verdadeiras. Não se sabe ainda qual será o termo final da rebelião, ou seja, não se sabe quais serão os caminhos de uma boa convivência no presente e no futuro.

As mulheres fazem parte desse grupo de rebeldes em relação às leis masculinas presentes na sociedade e nas igrejas. É em particular essa forma específica de rebelião que nos interessa nesta reflexão, muito embora tenhamos presente a interdependência de todas as rebeliões neste século XXI.

Embora seja verdade que a dominação do modelo único persiste ainda na sua forma mais perversa, haja vista o modelo do império norte-americano e sua ação no mundo, já não há mais consenso em relação a este poderio ou a esse domínio. Da mesma forma já não há mais aceitação passiva de outras formas de dominação na especificidade cultural de nossos povos. Hoje, por isso e por outras razões, estamos sem referências unificadoras ou referências capazes de fazer uma unidade mínima para uma convivência mais ou menos decente entre os diferentes grupos e pessoas. É esta a *questão central* do pluralismo. Hoje tomamos consciência, mais uma vez e de forma crítica, de que somos plurais e de que nesse pluralismo estaria a razão de nossas discórdias, mesmo se concordamos que esse pluralismo é igualmente a razão de nossa riqueza. Descobrimos que nos falta uma ética comum que possa nos ajudar a renegociar nossa convivência, que nos falta um *modus vivendi* mais respeitoso de nossos direitos e aspirações. Falta-nos redescobrir caminhos de convivência com o “próximo” e redescobri-lo na sua integridade e originalidade.

Não cabemos mais no modelo único, na dominação única, na verdade única, no amor com modelo único. E esta questão torna-se uma questão para a economia, a sociologia, a política, a administração coletiva, a educação, as religiões e as teologias.

Nessa perspectiva, hoje nem mesmo as diferentes religiões conseguem se manter dentro de uma coesão grupal mais ou menos harmônica no interior de seus espaços. As Igrejas e as religiões são também lugares, talvez de forma diferente do que no passado, de disputas internas e dissensões, não só do ponto de vista doutrinário como do ponto de vista das práticas religiosas e políticas. Cada grupo quer ter razão sobre a maneira de interpretar a tradição religiosa e a maneira de torná-la presente na história atual. Mais que isso, percebe-se que os laços de pertença às diferentes instituições sociais, e entre elas as Igrejas, tornaram-se mais fluídos ou talvez mais tênues. A pertença a este ou aquele grupo é experimentada e expressada como frágil, imprecisa e até debilitada. E mais, a pertença hoje pode ser múltipla, isto é, pessoas podem frequentar diferentes comunidades ou credos religiosos como opção de vida, de forma que a coesão grupal com uma ou outra

comunidade é menos forte.

A mobilidade em relação a um ou outro grupo religioso é igualmente grande. Dependendo de meus interesses, experiências, sentimentos ou opções, entro ou saio de um grupo religioso com maior facilidade do que no passado. Da mesma forma há os que se reclamam de valores éticos e religiosos, mas não têm nenhuma pertença institucional e podem viver bem sem ela. Nesse sentido, a pertença já não nos oferece mais um apoio para nossa identidade social e pessoal e é igualmente marcada pelas consequências de um jeito velho de lidar com o pluralismo. Sem dúvida há sempre exceções em relação a estes comportamentos, mas aqui estou tratando dos fenômenos novos que se delineiam em nosso atual horizonte histórico e que nos convidam a pensar especificamente sobre a questão do pluralismo nos seus múltiplos aspectos.

Partindo do que foi exposto acima, pode-se dizer que, em certo sentido, o pluralismo hoje é redescoberto a partir da falta de centros de unidade, de centros de diálogo efetivo, de centros de coesão seguros e reconhecidos como tais. A intransigência toma conta de muitos grupos e têm gerado amígdalas ações de violência. Então, o problema na realidade não é o pluralismo, mas a crise nas diferentes maneiras de vivê-lo, a crise de nossa convivência humana, a crise ética que nos assola de forma assustadora. Vive-se uma espécie de “vale tudo” disfarçado em diversidade cultural, sem respeito efetivo pela vida das pessoas, sobretudo das populações mais carentes. Tal comportamento é muitas vezes veiculado e incentivado pelos meios de comunicação que parecem aumentar a confusão geral.

O processo cultural desde a modernidade veio provocando gradativamente uma espécie de explosão do princípio de autoridade patriarcal tradicional, mesmo em relação à afirmação da unidade e identidade pessoal, propostas pelas tradicionais normas sociais de educação e de convivência. Constata-se desta forma que o princípio de sustentação patriarcal na sua diversidade institucional vem provocando cada vez mais destruição e desagregação social. Basta olharmos o espetáculo da multifacetária crise em que estamos! Crise ecológica, crise econômica, crise social, crise política, crise familiar, crise policial, crise de identidades, crise de valores, crise energética e tantas outras crises que se constituem no pano de fundo de nossa história atual. E quando falamos de crise estamos falando aqui de riscos de conseguir um caminho melhor de convivência, mas também riscos de piorar o estado atual da convivência humana.

O mesmo fenômeno, portanto, de formas diferentes e semelhantes mostra-se na vida política, nos partidos, nos sindicatos, nos governos, nas Igrejas, nas famílias, no meio ambiente e na vida pessoal. Nenhuma instituição está imune a esta espécie de abalo sísmico que se preparou desde muito tempo atrás. E, além disso, nesta crise generalizada perdemos a clareza em relação a certos conceitos, cujos significados tradicionais pareciam nos dar

Páginas 76-119 indisponíveis na versão digital

2006 - 2007



Vamos pensar de novo a DEMOCRACIA?

Sobre doenças e cura

**Política feminina, política feminista
ou simplesmente política**

O Limbo e o Prazer

**Cristianismo rebelde ou a dominação
dos modelos masculinos na rebeldia cristã**

É possível expulsar os vendilhões do Templo da vida?

**Quando o "outro mundo" não justifica a vida:
sabedoria ecofeminista a partir do cotidiano**

Quando as mulheres atraem violência

O povo papal

Tecendo sentidos e filosofando

**Desconstruímos, desconstruímos!
Como e por onde começar a construir?**

A questão do Estado laico

Vamos pensar de novo a DEMOCRACIA?

(Para a *Agenda Latino-americana* – Março de 2006)

Como entender hoje o que é democracia? Não podemos ser simplistas e exigir “outra democracia” em todos os níveis – econômico, político e social –, como se alguém pudesse nos dar o que queremos ou pagar aquilo que nos deve. Bastaria exigir. Mas, exigir de quem? E quem é que exige? Se estamos exigindo “democracia”, então, que tipo de democracia estamos querendo? A democracia dos homens gregos, dos franceses, dos ingleses, dos norte-americanos, dos brasileiros? A democracia pensada pelos líderes de direita, de esquerda, de centro? A democracia mantida pela antidemocracia dos governos atuais? A democracia proposta pela “esquerda” da Igreja Católica, ela que, a partir de sua estrutura própria, não é nada democrática e concentra poderes imensos em mãos masculinas?

E mais, como todos os habitantes de um país seriam participantes, e quem ditaria as regras do jogo democrático? Como seria ele? Plural ou único para todos os povos e grupos? Hoje, quem tem autoridade para falar de democracia?

Diante de tantas questões é bom perguntar sempre de novo: o que é mesmo democracia? E, ao perguntar, tentar buscar as nossas respostas provisórias, pelo menos como um exercício inicial de pensamento e de percepção da complexidade de nossas perguntas.

Em 2005, particularmente o mundo universitário celebrou o bicentário do nascimento de Aléxis de Tocqueville, consagrado autor de *A De-*

mocracia na América, obra que provocou a intelectualidade a pensar no sentido do que seria uma democracia moderna. Tocqueville, naquela época analisando a sociedade norte-americana apesar de ser francês, já profetizara as formas de despotismo que adviriam da “igualdade de condições” da *sociedade individualista de massa*. Para ele, haveria uma exacerbação das exigências egoístas e uma tirania da opinião democrática que, ao exigir que todas as diferenças fossem igualmente respeitadas, acabaria por destruir o que chamamos de bem comum. E mais ainda, acabaria por nos fazer viver numa espécie de “totalitarismo brando” imposto pela sociedade de consumo que excitaria os nossos desejos narcisistas em seu próprio benefício. Assim, a pretensa igualdade democrática se fundaria de certa forma na universalização do consumo individual em proveito do lucro de uma elite. Esta análise feita há mais de duzentos anos pode ser uma referência para nos ajudar a entender a falácia da democracia atual e a nossa incapacidade de criar novas formas de organização social que favoreçam a vida da maioria.

Cada vez mais nos damos conta da complexidade do que chamamos “democracia” e da necessidade de entendermos e construímos novas formas de convivência social diante da exclusão crescente de pessoas em todos os continentes. Estas formas não podem ser abstratas ou preestabelecidas, como se fossem modelos mais ou menos fixos ou rígidos aos quais queremos chegar. Igualmente não podem utilizar apenas os princípios gerais dos direitos humanos, visto que os princípios muitas vezes habitam o mundo dos ideais e não conseguem articular soluções imediatas. Da mesma forma, não podem pensar em modelos democráticos iguais para todo o mundo, pois assim sendo estariam copiando a pretensa democracia do Império americano. Não podem igualmente pensar os seres humanos, mulheres e homens, como fundamentalmente bons e, por isso mesmo, sempre capazes de querer o bem uns dos outros. E entre os bons se elegeria alguns melhores e os reconheceríamos como detentores de poderes de bondade, capazes de transformar nossas relações. E é bom lembrar que este tem sido o procedimento atual das religiões ao querer fundar comportamentos políticos de direita ou de esquerda, batizando-os de “democracia segundo a vontade divina”. Uma vez mais acentuaríamos as formas hierárquicas e também, indiretamente, modelos a serem imitados na linha do consumismo consagrado pelo capitalismo vigente.

Hoje, o consumo considerado quase como prática religiosa não reflete apenas à sua maneira a questão das classes sociais, mas mostra uma espécie de convite a um igualitarismo “democrático” consumista. Todos precisam e podem ter o seu som, o seu telefone celular, o seu computador, o seu carro, a sua dieta personalizada. O coletivo cede seu lugar para o individual. Dá-se então a perversão da democracia, e, a partir dela, os governantes apenas passam a garantir o crescimento do consumo inútil, permitem a

propaganda de produtos supérfluos à manutenção da vida, deixando de lado as atividades básicas que mantêm uma vida com dignidade. Os governos hoje chamados democráticos acabam permitindo o desenvolvimento do ilusório sonho de que todos os bens de consumo, como são propostos pela propaganda, podem estar ao alcance de todos. E, nessa ilusão ideologicamente consciente não tem outra alternativa a não ser, como diz Foucault, “vigiar e punir” ou, como diz Deleuze, “controlar”, sobretudo os pobres. E isto porque todos nós estamos mais ou menos inebriados pelas novidades e extravagâncias que a sociedade de consumo apresenta, e vemos no desejo de possuir esses bens a realização de nossa humanidade e a vivência de nossa cidadania. Os pobres, mulheres e homens, também podem e devem desejar, mas o Estado vigilante controlaria os excessos compreensíveis do desejo daqueles que não querem ser excluídos. Há uma espécie de perversão que mantém o capitalismo vigente vivo, e nele uma ilusão de democracia.

Fizemos da democracia um reinado de consumismo, de forma que acabamos entendendo a democracia como o direito de todos e de todas de usufruir a “igualdade de condições” para desejar e possuir o supérfluo, o descartável, aquilo que alimenta a divindade do lucro, sempre presente no meio de nós. E mais, fizemos uma democracia que se dá ao direito de exibir o supérfluo, de escrever e convencer sobre o direito ao supérfluo como produção cultural. Assim, a sociedade chamada democrática na qual vivemos passou a ser uma sociedade sempre ávida de prazeres novos, de dominações novas, de instrumentalização e comercialização de corpos. É uma sociedade que exige cada vez mais especializações e produz cada vez mais seres humanos descartáveis, sujeitos à assistência pública. Nossa democracia passou a ser uma democracia de fachada, uma democracia de palavra vazia de sentido ético.

Suspeito que esta palavra “democracia” tenha se tornado uma palavra inadequada, um conceito gasto e impróprio para explicar o que vivemos e o que gostaríamos viver. Entretanto, continuamos falando de democracia e, vivendo na realidade, num regime totalitário mundial, militarizado e tecnológico. Este prega os “direitos humanos” universais e apaga do mapa diariamente milhares de crianças recém-nascidas. A ditadura do lucro e do consumismo fechou-nos no “medo do outro” que não tem o que temos, fechou-nos na busca de prazeres individualistas e nos tornou de certa forma insensíveis aos movimentos que ainda buscam transformações sociais fundadas num bem comum de qualidade ética.

Às vezes penso que a ideia que temos de democracia, sobretudo nos meios cristãos, é talvez uma ideia muito religiosa. Pensamos a democracia como uma utopia, como uma espécie de fraternidade universal onde todas as fomes serão saciadas, como expressão idealizada do reinado de Deus,

Páginas 126-192 indisponíveis na versão digital

2008 - **2010**

Repensando o socialismo a partir de novas práticas

O conceito de “pessoa humana” revisitado

**O movimento de Maio de 1968
e a teologia na América Latina**

Inclusão digital

Ideias para repensar o Ecumenismo

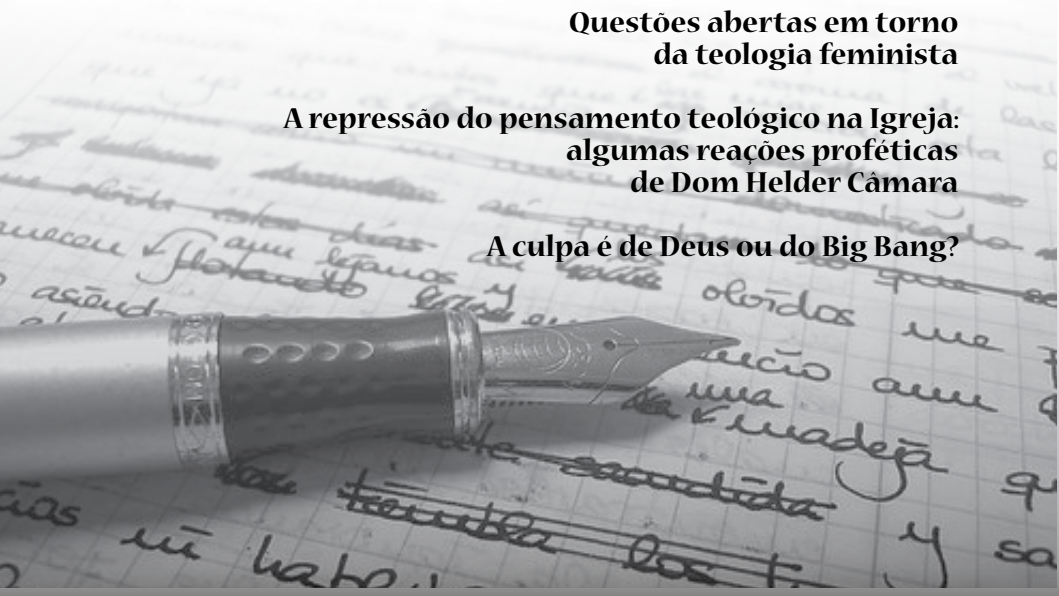
**As duas faces de uma mesma moeda:
tolerância e intolerância**

**O que significa crer na ressurreição
a partir do cotidiano,
do feminismo e da ecologia?**

**Questões abertas em torno
da teologia feminista**

**A repressão do pensamento teológico na Igreja:
algumas reações proféticas
de Dom Helder Câmara**

A culpa é de Deus ou do Big Bang?



Repensando o socialismo a partir de novas práticas

(Fevereiro de 2008)

A palavra socialismo está, como outras tantas, desgastada. Por um lado, continua ligada aos sonhos de justiça, de redução das desigualdades sociais, de uma distribuição mais equitativa dos bens, de solidariedade entre os povos. Por outro lado, está ligada a muitas coisas negativas de um passado cheio de frustrações com os chamados socialismos reais, nos quais não faltaram coerções, totalitarismos e desrespeito a muitos direitos.

O chamado socialismo real alterou a semântica do termo socialismo, embora não tenha anulado os valores que muitos continuam perseguindo no seu cotidiano. Da mesma forma reduziu muitas vezes a busca socialista ao desejo de uma nova organização econômica dos meios de produção, da abolição da propriedade privada, sem questionar, porém, os comportamentos sexistas da hierarquia masculina dominante. Assim se contestou a dominação do capital, a busca ilimitada do lucro e a exploração da mão de obra, mas não a exploração da sexualidade feminina nos diferentes níveis das relações sociais. Esta continuou sendo objeto de um mercado e de comportamentos que nunca foram considerados parte importante a ser modificada em vista da criação da economia socialista e de uma cultura socialista, onde as mulheres não fossem propriedade masculina ou seres de segunda categoria.

Creio que hoje as pessoas que acreditam e apostam na prática da justiça social querem reafirmar a importância do socialismo visto que, apesar do desgaste, a palavra continua sendo válida para expressar seus ideais em vista de uma coletividade, onde as regras se pautem no respeito pela vida de cada um e no respeito pela vida do planeta. E afirmar isso significa não apenas situar o socialismo a partir de uma visão economicista das relações

humanas, mas uma visão mais holística que inclua uma diversidade de situações, na qual a hierárquica concentração de poderes e a exclusão das pessoas não seja moeda corrente. E, nessa linha, o socialismo anárquico, com sua tradicional crítica às hierarquias e em especial ao poder do Estado e das instituições religiosas sobre os indivíduos, tem crescido muito nos movimentos populares de mulheres.

Mas o que é mesmo o socialismo como vivência para alguns de nós? Onde podemos encontrar sinais indicativos desse algo diferente que buscamos? Como podemos captar a intuição coletiva e os valores que esta palavra ainda carrega?

Neste espaço que me é dado não quero perguntar aos intelectuais filósofos ou sociólogos ou aos especialistas em política ou aos religiosos politizados sobre uma nova definição de socialismo ou um novo modelo ideal a ser perseguido. Quero expressar intuições a partir da vida de alguns grupos atuantes na América Latina. Desejo explicitar em grandes linhas o que está animando a vida e a organização de alguns grupos que considero significativos no atual contexto histórico na linha da afirmação da justiça social.

O ponto de partida e o critério que norteia estas intuições é a vida das pessoas, a simples vida cotidiana com suas necessidades e exigências mais ou menos satisfeitas. E a vida cotidiana é algo extremamente complexo, pois não significa apenas o direito ao trabalho ou aos bens materiais disponíveis, mas o direito ao pensamento, aos bens simbólicos, à autodeterminação, à criatividade, ao prazer, à diversidade sexual e cultural e a muitos outros bens inerentes à vida humana. Dizer isto significa não estabelecer de antemão uma sociedade idealizada ou um modelo ético de sociedade, onde todas as pessoas possam ser mais ou menos felizes, embaladas por uma teoria utópica capaz de acalentar seus sonhos. Não há nesta perspectiva um modelo a ser imitado e nem um ponto de chegada. Não há etapas prefixadas para atingirmos o socialismo ou o tão sonhado comunismo. O socialismo é uma prática renovável e construída em conjunto.

Embora se fale de valores e de bem comum, não se acolhem mais palavras de ordem vindas de um grupo de teóricos que julga pensar a sociedade independe de certa forma das condições objetivas e subjetivas que temos para transformá-la. A dicotomia entre os que pensam o mundo e os que agem nele precisa ser pouco a pouco eliminada. Isto não significa a eliminação dos intelectuais ou dos cientistas, mas a redefinição de seu lugar e de seu papel específico em vista do bem comum regionalizado.

O que existe de fato são vidas humanas, minha vida, a vida dos meus próximos, dos meus contemporâneos, que precisa ser bem vivida. E cada um de nós sabe mais ou menos onde o sapato lhe aperta o pé ou onde o calo dificulta a caminhada. Por isso, buscamos o real da vida. Do raiar do sol ao anoitecer, na vida das pessoas comuns há que buscar comida, roupa,

Páginas 197-254 indisponíveis na versão digital

sinais históricos contrários ao respeito à diversidade. Este comportamento importantíssimo para a convivência humana pode reduzir-se a simples retórica. A quantidade de agressores contra uns e contra outras só aumenta nas folhas dos jornais, nas rádios e nas notícias televisivas. E o que ganham os desrespeitosos, a não ser um prazer doentio de haver destruído algo do outro e de sua própria imagem? De haver destruído, ao menos provisoriamente, a diferença que lhes custa e assusta no outro rosto humano a quem não podem suportar? E por que não o suportam? Intuo que não o suportam porque lhes lembra algo da própria humanidade que gostariam de esquecer, de apagar, de extirpar. Talvez lhes lembra a fragilidade quando gostariam de ser apenas fortes, recorda-lhes a injustiça quando gostariam que fôssemos todos justos, lembra-lhes as diversas cores do mundo quando só se veem como azuis ou vermelhos. E, finalmente, talvez porque faça nascer em mim a inveja por não conseguir ser o outro, mas apenas meu próprio eu e minha limitada história.

Fundamentalistas somos todos nós, se não cuidamos de educar nossa subjetividade à urgência do respeito às diferenças, se não conseguimos educar nossos filhos para a beleza da multiplicidade, mesmo que eu em nível individual não seja obrigada a apreciar todas as comidas e todas as bebidas e todas as canções do mundo. A multiplicidade não significa que preciso provar de tudo e apreciar tudo. Mas, ao apreciar algo, saber que os outros vão apreciar um algo diferente. Ao pensar algo e me situar de um lado, saber que outros estarão em outros lados. Assim não sou o critério de toda a verdade, de toda normalidade, de toda justiça e de toda a moralidade. Por isso, São Paulo dizia que o pecado habita em mim. Isto significa: em mim mesmo e não apenas no outro. E afirmar o pecado habitando em mim significa que sou capaz de eliminar a vida do outro, diminuí-la, manchá-la com minhas suspeitas muitas vezes infundadas ou com minhas cruéis agressões, ou com mentiras espalhadas ao vento. Esqueço-me que também sou o outro agredido e o outro agressor. E isto porque somos a imagem uns dos outros. Somos em certo sentido nossos deuses e nossos demônios digladiando-se no interior de nós mesmos e na vida social.

Por que somos assim? Buscar as razões em nossas origens não leva a nada. Dizer que foi falha de Deus ou do instante em que o *Big Bang* desencadeou a explosão da vida, e da vida humana em particular, também não responde a nada. O fato é que somos essa mistura de amor e ódio, de ternura e crueldade, de esperança e desespero, de morte e vida. E isso foi de ontem, é de hoje e provavelmente será de amanhã.

É nesse sentido que muitos sábios e sábias de muitos tempos e lugares nos ensinaram as formas as mais diversas de educar nosso eu, nossa reação aos outros, para que não nos tornemos déspotas, algozes, juízes implacáveis em relação aos outros e a nós mesmos. A crueldade e a bondade ha

bitam em nós e se misturam em todas as nossas ações como o fermento se mistura à massa e a faz levedar. Mas, se algum ingrediente for demasiado ou excessivo para as medidas da massa, estragará toda a massa e a si próprio.

A vida em sociedade exige de nós um renovado aprendizado de convivência. E esta é uma das tarefas das escolas, das universidades, das Igrejas, dos conselhos de moradores, dos movimentos sociais, dos partidos políticos, das famílias e de cada um de nós. Como denunciar a palha no olho do irmão sem esquecer da palha que existe igualmente no meu? Como dar passos para redescobrir o outro como meu outro eu? Como acolher o pecado do outro como meu pecado também? E como alegrar-se com a alegria do outro sem querer diminuí-la ou destruí-la com nossa própria inveja?

Não tenho respostas. Lanço hipótese, faço comentários, intuo coisas. Mas, nada convincente. Por isso, apenas tenho me convidado a cada dia e convidado as pessoas com as quais estou em contato a não tomarmos armas mortais para defender nossas posições, não fabricarmos canhões que podem destruir a população toda, não cedermos à vontade de eliminar o outro com a facilidade de uma bala saída de um revólver. E, nessa linha, tentarmos libertar os valores do Evangelho das estruturas bélicas ofensivas e defensivas das religiões. A “boa nova” poderia ser simplesmente nos redescobrirmos como seres do mesmo húmus, do mesmo sopro vital, chamados a viver neste instante único da história do universo. Escolher o caminho do diálogo e do respeito é uma batalha imensa, renovável a cada dia e em cada nova situação. É uma aposta na vida, embora saibamos de antemão que os que abraçam esta causa nem sempre serão vencedores segundo os critérios da competição e do lucro. Mas, não importa, se eu acreditar que as relações humanas podem ser melhores, algo poderá mudar qualitativamente, e nossa fé na humanidade não será vã.

Embora faça escuro, o canto de alguns não deixa a esperança morrer e dá vontade de sair “caminhando e cantando e seguindo a canção”.